

Beatriz Sarlo - *Instantáneas: medios, ciudad y costumbres en el fin de siglo*. 2ª ed. Buenos Aires: Ariel, 1997.

Instantáneas apareceu na Argentina em 1996, o que nos afasta sete anos da sua primeira leitura em livro, período em que o Brasil conheceu um pouco mais sobre essa pensadora latino-americana, por intermédio da tradução de *Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e vídeo-cultura na Argentina*, pela editora da UFRJ, em 1997; e de *Paisagens imaginárias*:

intelectuais, arte e meios de comunicação, pela Editora da Universidade de São Paulo, no mesmo ano. Pode-se dizer que os textos mencionados, pelo que também indicam os títulos, giram em torno basicamente das mesmas preocupações: o lugar do intelectual na cultura contemporânea, a intervenção da força midiática na vida contemporânea, o lugar da arte e do crítico contemporâneos, cenas da vida contemporânea.

O que diferencia *Instantâneas* dos outros títulos citados é justamente a sua formatação em textos curtos, como crônicas, alguns publicados anteriormente em revistas. Embora não tenham a forma de ensaios, como os outros, não deixam de realizar uma crítica vertical nos assuntos que abordam.

A autora menciona dois sentidos para o livro: o primeiro é o de apresentar breves cenas do tempo presente; o segundo, o de registrar, à maneira de uma câmera fotográfica, experiências que, muitas vezes se desenrolam diante de seus próprios olhos. Ela chama de “caderno de viagem” pela cultura audiovisual e pela vida cotidiana essas cenas anotadas pelo olhar que experimenta e ao mesmo tempo se afasta para tentar melhor compreender. Essa talvez seja uma das tarefas mais difíceis do intelectual contemporâneo, a de avaliar o seu próprio tempo. Os textos, dessa forma, aproximam-se da crônica jornalística que comenta o dia-a-dia, correndo o risco de julgamentos precipitados, avaliações incorretas, esvaziamento do assunto. Os instantâneos de Beatriz Sarlo, entretanto, afastam-se desse tipo de risco pelo instrumental da própria autora que, trabalhando com elementos da análise da cultura e da literatura, é capaz de se aproximar do já tão próximo e vasculhar o que aí se esconde ou o que de tão evidente já não é mais distinguível. Mencionei a dificuldade da tarefa, pois para realizá-la é preciso optar por um ponto de vista, escolher uma cena, os detalhes que a cercam, focar, enfim, uma situação, tendo em vista a impossibilidade de apreender o todo. Ela menciona no prefácio a intenção de encontrar no labirinto contemporâneo, que parece sempre igual, rastros que podem apontar para significados que normalmente não captamos.

Assim, Sarlo dividiu o livro em três partes. A primeira delas, intitulada “De este lado”, reúne dez textos que falam de amor e sexo, amor e morte, costumes, cidade, cultura *fast*, jogo, entre outros, numa perspectiva de quem olha o que lhe é familiar, como espectadora da TV, como ouvinte radiofônica, como vizinha da classe média alta, como leitora.

Em “Figuras del amor”, menciona o amor estético, exigido pela mídia, verdadeiro museu de cera que faz com que homens e mulheres corram atrás dos últimos recursos disponíveis a fim de suprimirem as marcas do tempo que

se lhes vão aparecendo pelo corpo, numa tentativa patética de também abolir a morte. Não se trata, pois, mais de um amor eterno, visto que a morte, adiada pela tecnologia disponível, não ameaça como antes; trata-se de um amor para ser mostrado e ser visto. Também registra a permanência do amor bobo, aquele que conhecemos tão bem das nossas novelas de televisão. O que este tipo de figura de amor ensina é que a ele todos um dia sucumbirão, flechados que foram por uma força natural maior que tudo. Esse sentimentalismo transbordante permanece numa sociedade cada vez mais tecnizada. Outra figura de amor citada é a do amor técnico, capaz de gerar filhos em tubos, provando tanto o poder da ciência, como o do próprio desejo. A figura do amor homossexual encontra hoje abrigo no direito civil. Segundo a autora, não há mais sexo que configure um único tipo de amor, mas várias formas de encontro que, mesmo libertárias, não prescindem da tecnologia e do sentimentalismo.

Em “Sexo oral”, Beatriz brinca com o título do texto, querendo com isso mencionar que hoje se fala muito de sexo, acolhendo-o como assunto na mesa do café da manhã onde se reúne toda a família, que pensa estar mitigando os problemas da vida sexual de seus filhos ao falar abertamente sobre o assunto. Também é acolhido o tema nos programas de rádio, nos jornais, em colunas de revista, que discutem problemas como frigidez, orgasmo etc. A última menção ao “sexo oral” é a de uma *hot line* radiofônica que põe em cena pública os desejos mais íntimos. A autora aconselha a Igreja a não se preocupar com esse tipo de exposição, pois tal como na mesa da família, nesta *hot line* não acontece nada, visto que o “sexo falado” é sempre o sexo permitido. Essa abertura não impede, entretanto, que a Aids avance, o que obscurece, segundo Sarlo, a luminosidade daquela mesa de café da manhã.

Na seqüência, a autora trata de amor e morte, a partir do mito de Ísis e Osíris, mapeando essa relação desde os anos 1970, quando se procurava separar o amor (sentimento), da paixão (impulso) e do desejo (não governado pelo amor), até a oferta sexual explícita dos anúncios publicitários, aos vídeos pornôns expostos nos quiosques da esquina, passando pelo erotismo perverso dos porões da ditadura militar e da irrupção da Aids.

Beatriz Sarlo focaliza, então, os modismos a que estiveram (continuam) sujeitas as crianças no final do século XX: os ursinhos de pelúcia e toda sorte de badulaques que meninas portam na escola primária, preferíveis, segundo deixa ver o texto, à moda das tartarugas Ninja, da Xuxa, à onda ecológica, vegetariana, às cópias das vedetes de televisão que invadem como praga mentes e quartos infantis.

A cidade de Buenos Aires, índice de toda a grande cidade moderna,

aparece recoberta por cartazes: a retórica do mercado desenhando o lugar a seu modo. A autora recorta também a cultura *fast*, lembrando que hoje já não há mais lugar para gestos, como o de Corleone, personagem do filme *El padrino* que escolhe lenta e atenciosamente as frutas num mercado. Destaca a comemoração de aniversários em *MacDonald's*, onde todos comem os mesmos hambúrgers, como sintoma de uma era que é serial, de comunicação imediata e total. Sem nostalgias, a autora reconhece que não há mais retrocesso, lugar, portanto, para gestos como o do personagem do filme, lembrando, porém, que da cultura *fast* só se distanciam os muito pobres ou os muito ricos.

Os textos dessa primeira parte destacam, na sua maioria, essa superficialidade que recobre nossa vida, engendrando nela um ritmo alucinado, uma trilha sem volta e sem raízes. Quando se revive alguma época passada não se recobram mais seus sentidos, como ela faz ver com a *New Age* que, conforme diz, não retoma experiências físicas, psicológicas e morais limítrofes, como a da era *hippie*. A *New Age* seria agora um “hippie tonto e bem vestido”.

Na segunda parte, “Del outro lado”, a viagem se dá por lugares onde habitam os inquilinos dos saguões de mármore, das estações de metrô, dos viadutos, aqueles que conhecem um outro mapa, um outro código de sobrevivência na cidade moderna. A paisagem de Buenos Aires, na leitura de Beatriz, aparece dividida entre o bairro pobre e os *country-clubs*, numa separação radical de duas nações que se (des)encontram talvez nas urnas, votando em Menem (que agora ameaça voltar) ou Duhalde, por exemplo. O voto não eliminou os problemas sociais. É por intermédio dessa constatação e da visão desses habitantes urbanos que todo o tempo ameaçam irromper, dos que causam repulsa, medo, apreensão, que Beatriz reflete sobre os efeitos de uma sociedade que é puro mercado. É o reconhecimento de que não temos, e aqui nos incluímos todos, um comprometimento como membros de uma comunidade mais ampla. Nossas referências, conforme o texto, são apenas o futebol e a guerra, índices de totalidade que descambam para concepções *patrioteiras* de nacionalismo, para usar uma expressão de Antonio Candido.

É nesta parte também, no texto “Los olvidados”, que Beatriz menciona a supressão sistemática que a história realiza das personagens secundárias, movimento que agora se modifica por intermédio de uma “democracia narrativa”, onde há o abandono da perspectiva heróica do discurso histórico para incorporar o que permaneceu mudo e esquecido. Segundo ela, o esquecimento é por si a marca do conflito. Podemos estender a reflexão para a crítica literária que passa a se preocupar com questões relacionadas à exclusão social na literatura, de que o dossiê desta revista é prova.

Especificamente sobre a Argentina, Sarlo retorna várias vezes a comentários sobre a Guerra das Malvinas, que ela encara como aventura oportunista da ditadura militar para encobrir a rachadura do regime, e o futebol, a vitória da Argentina na Copa de 1978, que revitalizou no país um sentimento de pertencer a uma comunidade, mesmo que esta estivesse num momento tão crítico como o foi aquele período. Pergunta-se, então, a autora (e a pergunta pode se estender também aos dias de hoje para qualquer país do mundo) se não é possível encontrar, afinal, outra idéia de nação que não surja das operações de uma ditadura ou do fanatismo do futebol. Qual é, indaga a autora, a idéia de nação no final do século XX? A resposta deve nos acautelar, no século XXI, contra a intolerância, a ausência de solidariedade e responsabilidade coletiva, a distribuição desigual e o desrespeito aos direitos dos cidadãos.

A terceira parte do livro, “Todo es televisión”, apresenta alguns textos onde o tema é focalizado com mais vagar, como é o caso do estudo dos games em CD-ROM. Beatriz vê a televisão como o grande sacerdote eletrônico, capaz de guiar a opinião pública em torno de um pensamento que atende apenas aos interesses banais desse público, limitando-o ao senso comum, que é afinal, uma resposta àquilo que ele exige. Aí é mencionada a desvalorização da escola como fomentadora de idéias, de um pensamento que pudesse fugir a essa mesmice. Abandonada, desprestigiada, a escola não consegue competir com os mass media.

Nos textos “La democracia mediática y sus limites” e “Gabriela e Mariano”, a autora discute a esfera eletrônica como um lugar onde os telespectadores são chamados a opinar sobre casos que competem às instituições de Direito. Assim, partindo de um caso concreto, o da separação de um casal e do conseqüente conflito sobre a guarda do filho, é discutida a força da democracia midiática que confronta com as instituições tradicionais, cuja lentidão não responde ao caráter imediatista dos casos apresentados. Por meio da participação do público, agora o juiz dos casos, elegem-se os lugares-comuns como a solução para os dilemas apresentados e os cidadãos atuam num palco, representando personagens para se reinventarem frente às câmeras. Repetem-se, portanto, os estereótipos, sem cuidar das particularidades do caso, subtraindo da justiça o seu papel tradicional, ou com ela competindo. Nunca a esfera privada esteve tão exposta ao domínio público, como nesses casos “verídicos”. Hoje também os internautas são chamados a opinar.

Em “Siete hipótesis sobre la videopolítica”, a autora discorre sobre o que chama de a forma atual da política nas sociedades ocidentais, cujos excessos

tendem a transformar o político em animador de TV, submetido à maquiagem que o transforma em mais uma atração dos programas de entretenimento. Nos meios audiovisuais, forma-se um macroespaço onde se igualam políticos, intelectuais e estrelas da hora, o que leva o público a crer que, tratando, por exemplo, de temas internacionais, as opiniões de um chanceler e de um jogador de futebol se equivalem. É preciso estar atento, porque, como já mencionou a autora, não há retrocessos, não retornaremos à praça pública como antes, a força está mesmo nesse espaço midiático, como bem experimentamos nas últimas eleições no Brasil. O que se pode exigir é transparência das informações e menos espetáculo para questões que dizem respeito aos direitos fundamentais dos cidadãos.

Nos textos dedicados aos games, é interessante notar não apenas a acuidade com que a autora lê os jogos, mas a paciência e persistência com que se aventura pelas trilhas propostas do que ela chama de mitologias tridimensionais. Segundo ela, essas viagens pelo ciberespaço nos mostram que não é possível dispensar a linguagem e a escrita. Ela diz que um mundo desenhado por Windows ainda é utópico, visto que hipertextos, Internet, CD-ROM e programas de computador pressupõem a leitura, a tradução de algo que é afinal escrito por outro. Num texto que, de outra autoria, poderia indicar uma certa nostalgia do tempo em que o livro ocupava outro lugar na nossa vida, Beatriz mostra, com a autoridade de quem jogou muitos games e dispendeu algum tempo para compreendê-los, que “la máquina de leer pide ser accionada com sutileza. Pero admite que se ponga marcha las condiciones más libres. Dificilmente pueda pensarse en otra máquina que sea, a la vez, tan complicada en su manejo y tan abierta a los usos más personales, secretos, innovadores, transgresivos. La máquina de leer nos permite prácticamente todo”.

Encontramos, assim, no final do livro um alento para quem anda desesperançado com os meios, a cidade e os costumes neste entresséculo. Às previsões que indicam a soberania no futuro de outras formas de transmissão de conhecimento, Beatriz responde com a afirmação de que esse tempo ainda não chegou e, se chegar, continuará sendo intermediado pela leitura, onde há uma “clave de bóveda del mundo”. O alento também nos é dado pela lucidez da autora e pela ironia com que acabamos nos enxergando nessa espécie de “tela” que o livro configura.

Tal como o poeta Oswald de Andrade prefigura a Poesia Pau-Brasil como a “descoberta das coisas que eu nunca vi”, Sarlo apresenta cenas do final do século XX na mesma perspectiva, a de quem vê o “já visto” com os

Resenhas

olhos do “nunca visto”, amparada, por seu turno, na vasta experiência de intelectual latino-americana, interlocutora de pensadores e poetas do século XX, como bem mostram as epígrafes e as reflexões dos seus instantâneos.

MARIA ISABEL EDOM PIRES
